

PAOLO MARRONE

O MONGE
QUE PARTIU
EM BUSCA DO
SEU DESTINO

Tradução de
Isabel Branco

alma
dos
livros

Índice

A viagem.....	11
O segredo da felicidade.....	29
Escuta este farfalhar... ..	51
O «eu sou» não é um pensamento.....	71
Não te arrependas dos livros que não leres.....	87
O livro certo na hora certa	107
O despertar.....	125

*Dedicado a todos os incansáveis
que procuram a verdade.*

A VIAGEM

«A viagem é uma espécie de porta pela qual se sai da realidade como que para entrar numa realidade inexplorada que parece um sonho.»

– Guy de Maupassant

Há muito tempo que sonhava visitar Nova Iorque. Sempre adorei viajar e, em idas anteriores aos Estados Unidos, já tive oportunidade de conhecer várias cidades, como Los Angeles, Miami ou Tampa, mas, a não ser numa curta paragem em trânsito no Aeroporto John F. Kennedy, Nova Iorque ainda continuava na minha lista de cidades a visitar.

Assim, naquele verão decidi oferecer-me uma bela viagem à *Grande Maçã*, a cidade que nunca dorme... Não via a hora de me perder pelas ruas de Manhattan, ir às compras, admirar a imponência do Empire State Building, jantar num dos icónicos e sugestivos restaurantes com vista para a ponte do Brooklyn.

La sozinho. Terminara recentemente uma longa relação de dez anos, e tinha passado os últimos três meses a juntar as peças da minha vida. O que eu queria naquele momento era perder-me numa viagem que me ajudasse a libertar a mente e a recarregar as baterias para entrar num novo capítulo com entusiasmo renovado. Sentia a necessidade de olhar para a minha existência de outro ponto de vista, e, afastando-me dos lugares que me são familiares, teria certamente o distanciamento de que precisava para encarar toda a história de outra forma.

Naquela época, eu lia muito, e há algum tempo que descobrira uma nova perspectiva para observar os acontecimentos da vida. Graças à leitura de vários autores, como Napoleon Hill, Charles F. Haanel, Thomas Troward, comecei finalmente a entender que cada um de nós é o único responsável pela sua própria realidade.

A ideia de que através do pensamento somos capazes de determinar o próprio destino deixava-me, por um lado, eufórico, mas, por outro, assustava-me, tendo em conta que, segundo as teorias desses autores, grande parte da influência sobre a realidade é exercida num nível inconsciente, portanto, totalmente fora do nosso controlo direto.

Aquilo de que eu me tornava cada vez mais consciente era de que, por uma estranha lei do Universo, as pessoas que fazem parte da nossa vida representam sempre, e de qualquer forma, o reflexo de algum aspeto do nosso ser. Se mudarmos algo no nosso interior, o mundo exterior tem necessariamente de mudar. Eu estava absolutamente consciente de ter sido a origem da minha recente separação,

e de que tudo o que aconteceu foi uma resposta a algum tipo de transformação interna do meu ser, sendo que essa ideia não me tranquilizou nada, pois, no fim de contas, era uma situação pela qual eu estava a passar.

Revivendo o final da história desta perspectiva, não há dúvida de que o caminho de crescimento pessoal e espiritual que assumi fora a causa de tudo, e agora estava de alguma forma a destruir o meu velho mundo para dar lugar a algo de diferente que refletia o meu novo estado interior. Embora sentisse que era assim que deveria ser, isso não me consolou, porque teria preferido que o meu subconsciente me tivesse consultado antes de me atrapaalhar a vida daquela maneira repentina. Era precisamente essa sensação de falta de controlo que me incomodava e, admito, me assustava um pouco.

Por isso, encarei aquela viagem de duas semanas como um precioso momento de reflexão, na qual teria a possibilidade de limpar o passado – pelo menos, assim o esperava – e de iniciar um novo caminho, totalmente renovado e sem mais âncoras ou limitações emocionais.

A mala estava pronta, ou quase. Verifiquei a lista de coisas que iria levar e, excetuando alguns produtos de higiene pessoal a colocar na mala na manhã seguinte, estava tudo pronto. Decidi também levar um pequeno gravador portátil, daqueles que cabem num bolso, para apontamentos de voz durante a viagem. Não gosto muito de escrever, por isso pensei que seria mais rápido e prático gravar pequenas notas verbais para fixar alguma ideia ou impressão que me ocorresse durante a minha estadia em Nova Iorque. Em resumo, apenas uma noite me separava

daquela grande viagem e estava desejoso de que ela chegasse. O embarque era às 9h50, pus o despertador para as 6h30 e fui para a cama, excitado que nem uma criança que adormece na noite de Natal, ansiosa pelos presentes que sabe que estarão à sua espera ao acordar...

* * *

Um raio de sol entrou pelas frestas da persiana e bateu-me no rosto, acordando-me de um sono profundo. Abri os olhos admirado com o despertador que ainda não tocara, e por isso olhei para o relógio na mesa de cabeceira para ver se ainda podia dormir um pouco antes de me levantar. Meu Deus! Percebi, horrorizado, que eram 9h25! Por alguma maldita razão o despertador não funcionara.

Por precaução, verifiquei os outros relógios espalhados pela casa e todos confirmaram a amarga realidade. Era dramaticamente verdade que tinha perdido o avião. Preparei-me à pressa para ir para o aeroporto e confirmar se haveria a hipótese de apanhar outro voo. Não me lembro de quanto tempo levei para lá chegar de carro, mas tenho a certeza de que bati qualquer recorde já existente.

Demorei tempo a encontrar o balcão da companhia aérea do meu voo e, mal a localizei, entrei desvairado e dirigi-me ao primeiro funcionário que vi, sem ter o cuidado de perceber se era ou não a minha vez.

Após uma verificação rápida no sistema, a menina comunicou-me a fatal realidade: «Senhor, lamento, mas o seu bilhete não prevê troca de voo.» Claro, marcara um voo *last minute* a preço de saldo e percebi que, em vez de poupar,

agora pagaria muito mais do que o previsto caso tivesse decidido apanhar outro voo para o mesmo destino.

«Desculpe, mas não há maneira de apanhar outro voo, mesmo pagando uma pequena diferença?», perguntei – aliás, implorei –, com uma réstia de esperança de suscitar a compaixão ou, no mínimo, despertar o instinto maternal no coração da jovem que estava à minha frente.

«Lamento muito, mas, como eu acabei de dizer, o bilhete não é convertível nem reembolsável. A única solução é comprar outra passagem, se quiser.» Nem queria imaginar o preço de um bilhete novo, sendo que neste caso a parte que está em dificuldades, e, portanto, a mais fraca, é o cliente, que geralmente é explorado até ao último cêntimo no preço de um voo do mesmo tipo, em plena época estival, que supera facilmente os mil euros. A palavra desconto não está contemplada nestes casos. Insisti dizendo que não poderia desistir da viagem, ou o meu período de férias seria desperdiçado, já que não podia mudá-lo. Infelizmente, a resposta, embora proferida com um sorriso e a maior gentileza possível, foi a mesma.

Resignado, já estava disposto a usar o meu cartão de crédito, mesmo que me extorquissem o preço de novo bilhete, quando de repente, atrás de mim, ouvi uma voz muito amável, com um subtil sotaque estrangeiro, que me disse: «Se quiser, talvez eu tenha a solução para o seu problema». Virei-me e vi um senhor muito elegante, na casa dos sessenta, com traços orientais, que assistira a toda a cena entre a funcionária da companhia aérea e eu.

«Olhe», continuou ele, «tenho um bilhete para o Tibete, a minha terra natal, aonde deveria ir com a minha mulher

para uma estadia num mosteiro tibetano. Infelizmente, há alguns dias ela deu uma queda e partiu uma perna, e por isso não podemos ir. Estava aqui para pedir o reembolso dos bilhetes, e acabaram de me dizer que não é possível obtê-lo tão perto da data de partida, mas posso transferir a viagem para outras pessoas. Compreendo que sejam férias completamente diferentes, pois o Tibete não é a América, mas, se quiser uma experiência verdadeiramente nova, terei o maior prazer em lhe oferecer todo o pacote, com estadia incluída. Não tem de me pagar. Em vez de desperdiçar, prefiro oferecer esta oportunidade a outra pessoa e, não sei porquê, você inspira-me simpatia. Eu e a minha mulher ficaríamos muito satisfeitos se aceitasse».

Tibete? Uma estadia num mosteiro tibetano? Estava prestes a agradecer e a rejeitar a oferta, mas algo dentro de mim impediu-me de o fazer. Lembrei-me de ter lido num artigo que não existem acasos e que todos os acontecimentos surgem sempre por algum motivo válido, embora naquele preciso momento não conseguisse perceber qual.

Pensei sobre a série de episódios, aparentemente casuais, que me levaram a receber esta oferta. O meu despertador nunca tinha falhado até àquele dia e a probabilidade de encontrar um homem no aeroporto que me oferecesse um bilhete para alguns dias no Tibete, com estadia incluída, era quase nula, não falando na pobre senhora que partira a perna alguns dias antes de iniciar uma viagem.

De facto, alguns meses antes, ao ver um documentário na TV, desejei um dia visitar o Tibete, mas nunca teria

pensado que o Universo me levasse a sério e inventasse um motim para me obrigar a partir, assim tão de repente, numa viagem que honestamente nem sei se algum dia faria.

Uma pequena voz interior disse-me que aceitar a oferta era a única coisa sensata a fazer naquele momento. Não por ser gratuita, ou pelo menos não só por isso. Senti que não era conveniente contrariar o destino, que parecia querer levar-me à força para o Tibete. Pensar que outras peripécias me esperavam se decidisse insistir na minha viagem para Nova Iorque provocou-me arrepios. Por isso, aceitei a proposta, agradecendo àquele senhor pela oferta generosa. Afinal, Nova Iorque poderia esperar.

A partida estava marcada para dali a sete dias, apenas o tempo necessário para solicitar o visto de entrada na China. As minhas férias seriam apenas de uma semana, em vez das duas programadas, mas não fazia mal, pensei, embora fosse evidente que tudo fazia parte dos planos que o destino tinha para mim. Pensando bem, duas semanas de vida austera de monge seriam de mais para um irrecuperável, preguiçoso e comum cidadão do mundo ocidental.

Enquanto esperávamos pela nossa vez para alterar o nome nos documentos de viagem, o senhor explicou-me que a estadia previa uma semana de contacto estreito com um dos monges mais idosos e sábios do mosteiro, cujos ensinamentos eram baseados em antigos conhecimentos mantidos há séculos no interior de alguns mosteiros, e revelados apenas a um pequeno círculo de monges eleitos. Garantiu-me que esses ensinamentos me levariam a

compreender a minha verdadeira essência. Também me disse que eu não precisava de me preocupar com o idioma, uma vez que alguns monges, incluindo o meu futuro professor, tinham estudado as línguas ocidentais durante vários anos, e, por isso, poderia comunicar em inglês sem problemas.

Eu ouvia-o com interesse, mas também um pouco duvidoso, pois não compreendia muito bem por que estranha razão se revelariam facilmente ensinamentos tão reservados ao primeiro turista estrangeiro que chegasse àquelas paragens. Porém, também me parecia má educação contrariar o seu discurso e, por isso, concordei, fingindo acreditar piamente em tudo o que estava a dizer. Para mim era mais do que suficiente saber que iria descansar, talvez até mais do que em Nova Iorque, e que teria oportunidade de dedicar tempo às minhas reflexões pessoais.

Depois de preencher a papelada na agência, estendi-lhe a mão para agradecer o presente e me despedir. Enquanto me agarrava na mão, apertou-a energicamente e, olhando-me nos olhos com ar sério, disse-me que tinha de me revelar algumas informações importantes sobre a viagem e, por isso, pediu para falarmos num lugar fora dali. Tudo isto enquanto continuava a apertar-me a mão. Devo dizer que fiquei petrificado, um pouco preocupado até, com aquela proposta repentina, mas, sentindo-me de alguma forma em dívida para com ele pelo presente recebido, concordei e sugeri que tomássemos um café no bar em frente à agência.

No fundo, também não me parecia assim tão perigoso, e estava tranquilo no meio de um aeroporto

movimentado em plena época alta de verão. Nem tive tempo para perguntar o que tinha de tão importante para me revelar, que já ele dizia:

«Há uma profecia antiga, cujas origens se perderam na noite dos tempos, segundo a qual está a chegar o momento em que os conhecimentos antigos guardados em alguns mosteiros tibetanos devem espalhar-se por todo o mundo ocidental, a fim de facilitar a abertura para o despertar de toda a humanidade.»

«De acordo com a profecia», continuou, «um poderoso exército estrangeiro teria invadido o Tibete, causando uma devastação em massa dos mosteiros e a fuga de milhares de monges. Isso marcaria sem dúvida o início do processo de dispersão do conhecimento. Foi assim que, cerca de 18 anos após a invasão do Tibete pelo exército chinês, a minha mulher e eu fomos dos primeiros a ser escolhidos, juntamente com alguns outros, para frequentar os mosteiros poupados da destruição, onde esses conhecimentos tinham sido preservados. Ao longo dos últimos vinte anos, temos ido ao Tibete periodicamente para receber ensinamentos de um idoso monge guardião desse conhecimento antigo. Ninguém sabe a verdadeira motivação das nossas viagens, porque aos olhos das autoridades somos apenas turistas apreciadores de férias nesses locais».

Eu nem acreditava no que estava a ouvir, mas continuei atento sem interromper.

«Aqueles que estão prontos para receber os ensinamentos», disse, «são selecionados e “chamados” através de métodos que aos olhos de um leigo podem parecer muito aleatórios. Podem acontecer coincidências, eventos

inesperados ou fortuitos cujo único propósito é o de conduzir os escolhidos ao encontro daqueles que lhes transmitirão os ensinamentos. Isso também aconteceu comigo e com a minha esposa. Nem sei exatamente o motivo pelo qual fui escolhido, mas posso imaginar que tenha sido pelas minhas origens e, portanto, pelo meu conhecimento acerca da língua tibetana. Na altura, de facto, ainda não havia nenhum monge capaz de falar línguas estrangeiras. Contudo, mesmo que não saibamos com certeza por que motivo se é escolhido, por trás de tudo isto existe uma direção divina precisa e inescrutável, através da qual a antiga profecia se está a cumprir com infalível pontualidade e precisão».

Embora fascinante, esta história roçava o incrível. Conhecimentos que iriam facilitar o caminho para o despertar da humanidade? E porquê eu? Com que base me escolheram para uma tarefa tão grande e desafiante? Por um momento, pensei que talvez fosse mesmo melhor comprar aquela passagem para Nova Iorque antes que fosse demasiado tarde. Porém, recordando tudo o que tinha acontecido naquela manhã, o meu ceticismo inicial ia desaparecendo, para dar lentamente lugar a um interesse crescente por aquilo que os meus ouvidos escutavam. Se aquele homem não era louco, o encadeamento de todas aquelas coincidências estranhas que naquela manhã me levaram até ali começava de repente a encontrar uma explicação plausível, talvez inaceitável para uma mente racional como a minha, mas com certeza a única capaz de encaixar cada peça daquele enigma complicado no seu lugar.

Além disso, aquele homem não me parecia nada louco; pelo contrário, senti que havia algo de verdadeiro e profundo no que me estava a dizer. Na verdade, uma das coisas que notei enquanto ouvia as suas palavras foi a imensa serenidade e a profunda calma que emanava de maneira evidente da sua lenta e pausada conversa. Tive a sensação de que aquele homem estava completamente desligado do que acontecia em seu redor, como se vivesse num oceano de tranquilidade só seu. A dada altura, percebi que, por alguma razão estranha, toda aquela serenidade me contagiara também, uma vez que toda a agitação daquela manhã, que sentia em mim até alguns minutos antes, simplesmente desaparecera. Deixei de me importar com a perda da oportunidade de ir a Nova Iorque e, incrivelmente, tive a nítida sensação de que fora eu a desejar muito aquela viagem ao Tibete.

«O acidente que aconteceu com a minha mulher», prosseguiu, «é um sinal claro de que a nossa missão chegou ao fim e de que está na hora de a entregar a alguém mais jovem do que nós. Mal o vi entrar naquela agência, percebi imediatamente que era a pessoa certa. Senti um forte impulso interior para lhe propor a viagem e, ao ouvir que perdeu o seu voo, deixei de ter qualquer dúvida. Estou convencido de que é o escolhido para me substituir. Sintase honrado com isso, pois irá conhecer coisas que a sua mente nunca ousaria imaginar. Coisas que farão de si uma pessoa diferente e que, acredite em mim, mudarão a sua vida para sempre».

Dito isto, nem me deixou a oportunidade de responder, porque, ao levantar-se, agradeceu-me com uma vénia,

com as mãos cruzadas à altura do peito, e depois afastou-se num passo rápido. Foi numa escada rolante para o nível inferior e, sem nunca olhar para trás, desapareceu lentamente da minha vista. Naquele momento, pedi um café, e fiquei ali sozinho, naquele bar do aeroporto, a meditar sobre o que acabara de acontecer.

Os dias que me separaram da minha partida passaram muito depressa. Felizmente, o visto de entrada em território chinês não foi impedido ou atrasado, e passei a maior parte do meu tempo a procurar na Internet por notícias, fotos ou artigos sobre o Tibete e a sua história. Procurei, em particular, por toda a informação disponível sobre os mosteiros tibetanos e o tipo de vida que aí se levava.

Com base em algumas leituras, entendi que aquele povo, que passou por duras provas devido à invasão chinesa, lutou para manter intactas as suas próprias tradições culturais e religiosas e para as transmitir por todos os meios às gerações futuras. Os poucos mosteiros budistas poupados de represálias chinesas eram dos principais locais dentro dos quais a proteção dessas antigas tradições poderia, de alguma forma, ser assegurada.

E, assim, chegou o momento de fazer a mala. Felizmente, a temperatura nos meses de verão no planalto tibetano, apesar de a altitude média ser acima de 4000 metros, é muito amena e não tive de levar nada de muito diferente da roupa com que esperava ir para Nova Iorque, tirando algumas peças um pouco mais quentes para lidar com temperaturas noturnas, mais rígidas devido à forte amplitude térmica característica desses locais. Por fim, o dia da partida chegou e, desta vez, pus

três despertadores na véspera para evitar o risco de perder também esse voo.

A viagem durou mais de vinte horas, com duas escalas intermédias. O destino final era Lhasa, capital do Tibete. À chegada ao aeroporto, esperava por mim um funcionário da agência de viagens, a segurar um grande cartaz com o meu nome. Depois das cortesias iniciais, acompanhou-me até ao exterior do aeroporto, onde também me aguardava um monge do mosteiro para onde eu me dirigia. Percebi que teria de fazer mais três horas de viagem num *minibus* incómodo, através dos imensos vales do planalto, por altitudes que variam entre 3800 e mais de 4500 metros. Fui o único passageiro naquela viagem, e, com o inglês incerto e gago que o motorista articulou em resposta a algumas das minhas perguntas, ficou imediatamente claro para mim que aquele monge não era dos que tinham estudado aquele idioma. Resignando-me ao facto de que conversar seria impossível, permaneci em silêncio a admirar a beleza e a particularidade dos lugares que atravessávamos.

O panorama que se apresentava aos meus olhos era absolutamente incomum e extraordinário. As estradas atravessavam amplos vales rodeados de imponentes cadeias montanhosas. Tudo naqueles lugares parecia imenso, e o céu era de um azul-escuro e profundo, quase irreal para alguém como eu, acostumado a céus azuis-claros e límpidos. Até o sol parecia maior e mais brilhante, mas talvez estivesse influenciado pelo facto de saber que estava mais de 4000 metros acima do nível do mar. O ar era muito mais rarefeito do que aquilo a que estamos habituados, e dava a sensação de ser «mais leve» – não saberia encontrar

uma definição mais adequada para o descrever. No início, temos tendência a ter uma respiração mais curta e mais frequente, para compensar o menor oxigênio existente, mas, após algumas horas, acostumamo-nos e já não damos por isso.

A certa altura, percebi que estávamos prestes a chegar ao mosteiro. Além do facto de já quase terem passado as três horas da viagem, o sinal mais importante era que o *minibus* tinha deixado a estrada principal, para entrar numa pequena estrada não alcatroada que subia a montanha à nossa direita. Uma estrada tão íngreme não poderia ter muitos destinos, pensei, senão aquele em direção a um mosteiro tibetano empoleirado naquela montanha.

Passei os últimos quinze minutos da viagem com o pescoço esticado a olhar para a frente, à espera de ver aparecer o mosteiro a qualquer momento, na saída de qualquer uma das inúmeras curvas que havia naquele caminho. A minha expectativa foi finalmente recompensada. Depois de uma curva apertada, ao fundo do último troço da subida daquele caminho empoeirado, lá estava ele, enorme e imponente como um gigante de pedra adormecido, o mosteiro tibetano onde eu iria passar as minhas férias. Era um pouco diferente daquilo que eu tinha imaginado. Na realidade, não era um único edifício, mas um complexo dentro do qual viviam muitas pessoas envolvidas em múltiplas tarefas.

Confirmei, assim, o que li nos dias que antecederam a partida. Os mosteiros no Tibete são, na verdade, aldeias autênticas cheias de pessoas que tomam conta deles em todos os aspetos. O mosteiro não é apenas um local de

culto, mas uma referência social e cultural para toda a população residente na região. Por outro lado, pensando bem, não poderia ser de outra forma, considerando as condições extremas desses lugares, tanto em termos de isolamento, como de clima. A organização de comunidades sociais em redor dos centros de adoração fora, talvez, a única maneira de garantir a satisfação das suas necessidades, não apenas espirituais e culturais, como também, e acima de tudo, materiais.

O complexo foi construído num dos lados da montanha e, olhando de baixo, podíamos ver vários edifícios situados ao longo da encosta, até várias dezenas de metros mais acima em comparação com o grande edifício central. Algumas construções pareciam encastradas na rocha, dando a impressão de terem sido literalmente «esculpidas» na parede rochosa. Uma obra imponente, que dominava com colossal realeza todo o vale sobre o qual a montanha se debruçava.

O *minibus* parou mesmo em frente da grande porta de entrada e fomos logo cercados por um enxame de jovens monges, todos rigorosamente rapados a zero e vestidos com o típico vestuário púrpura. Não me deixaram carregar a mala e, com grandes sorrisos e vénias, acompanharam-me alegremente até à entrada do edifício. Nas minhas inúmeras viagens, nunca tinha tido uma recepção tão calorosa.

Entrei, assim, no grande edifício que dominava toda a região, e vi-me dentro de um enorme salão de teto muito alto, sustentado por longas colunas multicores, com enormes cortinas vermelhas penduradas lá de cima. As paredes da sala estavam todas cobertas com pinturas que retratavam

imagens sagradas, desenhadas num fundo de colinas verdes e prados em flor. Uma grande estátua dourada de Buda, ao fundo, rodeada de dezenas de velas e incenso, fazia supor que se tratava de um altar e que aquele local onde me encontrava era o principal local de oração no mosteiro. Fiquei ali algum tempo no meio daquela sala enorme, a olhar em redor, com a boca aberta, tantas eram as coisas para apreciar.

A certa altura, ouvi uma voz a dizer-me, com uma boa pronúncia em inglês: «Bem-vindo ao nosso mosteiro. Espero que tenha feito uma boa viagem.» Virei-me na direção da voz e, à minha frente, vi um monge a olhar para mim e a sorrir, à espera da minha resposta. Absorvido pelas maravilhas do lugar, não dei pela sua chegada.

«Claro, obrigado pelas boas-vindas maravilhosas», respondi, devolvendo o sorriso. Finalmente, ouvia falar inglês, o que me tranquilizou muito, pois, desde o empregado do aeroporto, ainda não tinha conseguido trocar duas palavras com nenhum dos locais. Ele explicou-me que era o responsável por dar as boas-vindas aos recém-chegados, e que conhecia muito bem o casal que me cedera a estadia. Lamentou o acidente que aconteceu com a senhora, mas, quando tentei contar-lhe as incríveis circunstâncias graças às quais nos conhecemos, interrompeu o meu discurso com um lacónico: «Sempre acontece o que tem de acontecer». Tive a nítida sensação de que a evidente estranheza dos factos que eu relatava não o impressionara nada, e que se tratou apenas de uma resposta educada, pronunciada para esconder uma visão totalmente diferente do que tinha acontecido.

«Deve estar muito cansado», disse-me. «Vou acompanhá-lo ao seu quarto, onde pode jantar e ter um bom sono reparador, para estar pronto amanhã de manhã para conhecer o mestre». Ele tinha razão, eu estava cansado, para não dizer desfeito. Gostei muito da amabilidade que me reservou, dando-me a oportunidade de descansar e de estar um pouco sozinho. Naquele momento, não teria apreciado qualquer encontro ou conversa com alguém, nem que fosse Sua Excelência, o Grande Mestre.

O quarto que estava reservado para mim ficava noutra ala, no andar superior do edifício, acessível através de uma escada íngreme de pedra. A pequena porta de madeira do meu quarto dava, como muitas outras, para um longo corredor. Aquele devia ser, com certeza, um dos dormitórios do mosteiro. O quarto era pequeno, tinha uma janela minúscula no alto da parede em que ficava a cama. Uma reentrância simples na parede lateral dava a impressão de ser o guarda-roupa onde poderia guardar as minhas coisas. Uma cadeira e uma pequena mesa de madeira do lado oposto completavam o mobiliário. Apenas. Tinha-me dito que a casa de banho era comum e que a encontraria na última porta do canto esquerdo daquele longo corredor. E foi a primeira vez, desde que deixei o meu país, que me arrependi amargamente de não ter comprado aquele bilhete para Nova Iorque. Porém, agora já estava ali, e lamentar o passado já não fazia sentido.

Assim que entrei no quarto, o monge, com muita amabilidade, pediu-me para lhe entregar o meu relógio e o telemóvel. De qualquer maneira, disse-me, os telemóveis não funcionavam naquelas paragens e eu não iria

precisar de relógios. Não fiquei nada feliz por me separar dos meus queridos objetos, mas concordei sem protestar. No fim de contas, recordei a mim próprio que não adiantava reclamar, já que tinha sido eu a decidir fazer aquela viagem. Pelo menos, preferia acreditar nisso.

O monge despediu-se com um largo sorriso, depois de me dizer que a hora de acordar na manhã seguinte seria às cinco horas em ponto e que o jantar me seria trazido em breve. De facto, poucos minutos depois, entraram dois jovens monges, o primeiro com a minha mala e o outro com uma tigela de madeira que continha o meu jantar. Saíram logo a seguir, a fazer vénias grandes e repetidas, a que eu prontamente me esforcei por retribuir tentando mexer a cabeça ao mesmo tempo do que eles.

Fiquei sozinho, sentado na beira da cama daquela minúscula cela de um mosteiro tibetano empoleirado numa montanha dos Himalaias, não sei quantos milhares de metros acima do nível do mar e a umas quantas centenas de quilómetros da primeira aglomeração urbana, a perguntar a mim próprio quanto tempo iria resistir antes de fugir e apanhar o primeiro voo disponível de regresso ao meu querido país.